

A LINGUAGEM DE CLARICE LISPECTOR NA OBRA *ÁGUA VIVA*: DIÁLOGOS COM O LEITOR SOBRE O INDIZÍVEL

Autora: Janaina Alves Brasil Corrêa¹, **Orientador:** Fernando Muniz⁴

^{1 4} Universidade Federal Fluminense -UFF / Instituto de Letras / Rua Visconde do Rio Branco s/nº, Campus Gragoatá - Bloco C, Niterói –RJ, naibrasil@yahoo.com.br

Resumo – O presente trabalho é fruto da dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Estudos da Literatura, da Universidade Federal Fluminense. A pesquisa teve por objetivo analisar a obra *Água Viva* de Clarice Lispector, atentando para os procedimentos narrativos usados pela autora para criar um texto fronteiriço, cuja força de expressão busca estender os limites da língua. A peculiaridade das estruturas textual e temática cria no ato da leitura um espaço no qual um diálogo com o leitor é melhor propiciado. Deste modo, questões acerca da interação deste interlocutor com o texto foram observadas em consonância com as indicações de leitura construídas pela obra para propiciar percursos de geração de sentidos.

Palavras-chave: Linguagem, Clarice Lispector, *Água Viva*, Leitor, Ficção.

Área do Conhecimento: Lingüística, Letras e Artes

Introdução

Este trabalho pretende somar-se aos estudos da obra de Clarice Lispector no que tange à peculiaridade de expressão desta autora, cuja maneira de utilizar a linguagem parece ser o aspecto mais marcante em toda sua produção. Reconhecida pelo uso de uma escrita peculiar, inovadora e que transgride as normas da língua padrão, Clarice causou grande impacto na crítica na ocasião de sua estréia na literatura, justamente, pela singularidade de sua forma de expressão.

É interessante, no entanto, notar que esta questão da linguagem, tão em voga na crítica, no início da carreira de Clarice, com o decorrer do tempo, foi cedendo lugar a outros tipos de abordagens, ligadas a questões como feminismo, filosofia da existência, misticismo, psicanálise e erotismo. Tal prática tem se intensificado, uma vez que a tendência da atualidade é a articulação entre literatura e outros campos do saber – cultural, antropológico, filosófico, dentre outros – e com diversas temáticas: repressão, liberdade, política, engajamento, e tantas mais possam ainda ser (re)descobertas. Assim, criam-se estudos cada vez mais específicos e/ou periféricos quando uma problemática fundamental – que Antônio Cândido já ressaltava em 1944 – pode estar sendo abandonada: a articulação entre pensamento e língua, esta “corrente dupla, de que saem as obras-primas e sem a qual dificilmente se chega a

uma visão profunda e vasta da vida dentro da literatura” (CÂNDIDO, 1970:126).

Esta é, portanto, a questão que se pretendeu retomar neste trabalho: o esforço de linguagem de Clarice Lispector para estender os limites da língua verbal.

Materiais e Métodos

O confronto travado por Clarice Lispector com a língua pode ser encontrado, de maneira sensível, ao longo de sua produção, então, *a priori*, poder-se-ia escolher qualquer de suas obras para tal estudo. Contudo, acredita-se que é em *Água Viva* que podem ser encontrados traços de estilo e de linguagem de forma mais radicalizada.

Tendo em vista a abrangência que envolve esta discussão, partimos de algumas reflexões preliminares, com o objetivo de introduzir os pressupostos teóricos que deram suporte na investigação das questões que permearam a pesquisa. Assim, primeiramente, salientou-se a expressão literária, no que tange às relações estabelecidas entre o pensamento e a língua.

A partir destas reflexões sobre o caráter da linguagem, discutimos o conceito de “escritura”, desenvolvido por Roland Barthes, que designa, entre outras coisas, o resultado do trabalho de deslocamento que o escritor exerce sobre a língua para “forçá-la” a exprimir um dado pensamento.

Tendo em vista que qualquer obra se completa com a participação daquele que a lê, incluímos nesta discussão as possibilidades de interação entre o leitor e o texto, bem como idéias de Wolfgang Iser e Umberto Eco, que tratam não só da interação entre estes agentes como, também, apontam para os mecanismos de envolvimento construídos pela escrita.

A partir daí, após terem sido estabelecidos os norteadores teóricos da pesquisa, mostramos, sucintamente, o impacto na crítica por ocasião da estréia de Clarice Lispector na Literatura uma vez que tal assunto foi habilmente tratado por Olga de Sá, em seu livro *A escritura de Clarice Lispector*. Esta obra, que abarca as mais importantes análises das décadas de 40 a 70, com ênfase nas duas primeiras, traz, como bem disse Haroldo de Campos, “o mais amplo espectro existente da fortuna crítica da obra de Clarice Lispector”. (In: SÁ, 1979)

Na tentativa de esboçar, de maneira mais ampla, procedimentos de expressão de Clarice Lispector, foram mostrados alguns recursos de linguagem encontrados ao longo de sua produção. Tais recursos remetem ao conceito de “inexpressão¹”, fundamental para o entendimento e análise dos elementos estruturais de *Água Viva*.

Para que se pudesse melhor entender a força expressiva deste texto, foi necessário atentar para a singularidade com que os procedimentos lingüísticos e estilísticos aparecem nesta obra. Tais procedimentos foram analisados, tanto sob o aspecto da forma, quanto sob a perspectiva temática. Além disso, mostramos certos traços da escritura e da ficção de Clarice Lispector que, em *Água Viva*, se encontram mais intensificados: 1) dilema entre linguagem e existência; 2) evocação do mal; 3) subversão do tempo cronológico; 4) escrita plástica; 5) escrita que não se encerra na norma culta e 6) uso de elementos típicos do poema.

Desta maneira, buscamos mostrar que *Água Viva* é um texto fronteiro, um escrito que está situado sempre no limite: da linguagem, do gênero, do tema, da estrutura narrativa e do leitor.

Resultados

Buscamos mostrar que os procedimentos temáticos e formais da “inexpressão” clariceana atingem, em *Água Viva*, a forma máxima. Acreditamos que a estrutura da própria obra – fragmentada, inclassificável por um gênero, repleta de “entrelinhas” – possibilitou um espaço de criação onde Clarice pôde fazer sua linguagem “debater-se contra o nomeado demais”, afastar os

¹ Conceito desenvolvido por Roland Barthes em seu livro *Crítica e Verdade*.

signos de sentidos gregários e “estereotipados”, e, assim, “retirar da língua uma fala exata”. (BARTHES)

As temáticas e os procedimentos formais se interligam, numa mútua reiteração. Isto é, se no texto são problematizadas a vida que passa depressa e a impossibilidade de abarcar e escrever cada instante, então sua estrutura textual reflete, através de uma escrita fragmentada e repleta de tramas, a busca em dizer “aquilo que é.” Este conflito entre o “ser” e o “dizer” pode ser compreendido como um “grande tema” que se renova em outras temáticas, como a do “instante-já” e a da relação estabelecida entre a pintura e a escrita, por exemplo. Reiterando o procedimento formal pela temática, Clarice mescla o inusitado e o trivial, imprime no texto características de processos de elaboração e de improviso. Sua narradora-personagem declara que está fazendo um “improviso” na busca por imprimir na escrita uma característica da existência humana: “Sei o que estou fazendo aqui: estou improvisando. Mas que mal tem isto? improviso como no jazz improvisam música, jazz em fúria, improviso diante da platéia” (LISPECTOR, 1998, 21); “Estou improvisando e a beleza do improviso é fuga” (LISPECTOR, 1998,43). Que é esta fuga que se impõe como resultado de beleza diante do público? Que tipo de público esta obra constrói e solicita?

Acredita-se que a obra *Água Viva* solicita um tipo de leitor que compreenda e aprecie as regras de linguagem deste escrito. O leitor desta obra deve ter uma relação especial com a linguagem, além disso, não deve compreender como essenciais: 1) a unicidade do enredo; 2) a forma tradicional de descrição de ambientes e 3) a presença de personagens. Para o leitor modelo de *Água Viva*, a protagonista da ficção é a linguagem. A fruição deste texto reside, assim, nas formas e no estilo de linguagem.

Vimos que, segundo as idéias que estudam o papel do leitor no ato de leitura, o autor deixa “pistas”, cujo objetivo seria guiar, aquele que lê, pelos interstícios da obra, de modo a formar um todo que esteja ligado ao que Umberto Eco chamou de intenção do texto. As pistas deixadas para o leitor foram aqui tratadas, tendo como pressuposto que, para que houvesse um diálogo, efetivamente fluido, o leitor de *Água Viva* não só deveria compreender as orientações de leitura, mas, também, precisaria perceber, e fruir, os procedimentos, estrutural e temático, utilizados nesta obra, uma vez que tais recursos buscam reiterar as pistas que o texto fornece.

No que tange aos “vazios” do texto, buscou-se mostrar algumas relações entre o que se diz e o que se cala na obra, já que esta se apresenta como uma narrativa na qual constantes confrontos, entre o dito e o não-dito,

se realizam através da linguagem. Clarice Lispector elaborou uma ficção repleta de silêncios, nos quais o leitor irá “pescar na entrelinha²” as palavras que não estão escritas, engendrando os múltiplos sentidos que suscitam tais vazios. Os silêncios do texto podem, nesta obra, ser chamados de entrelinhas, uma vez que a autora “tem de violentar a lógica da linguagem, fertilizar-lhe o despojamento, preencher-lhe o esquematismo para traduzir uma emoção mais rica”, como observa Olga de Sá (1979: 36). A linguagem utilizada neste livro não só propicia ao leitor um diálogo mais aberto, como também o convida para penetrar no jogo de sua escrita.

Discussão

Clarice Lispector parece ter radicalizado sua forma de escritura em *Água Viva*. Neste texto está presente a maior parte dos recursos utilizados pela autora para criar uma escrita capaz de transgredir os padrões da linguagem. O fato de esta obra não apresentar um enredo possibilita uma liberdade de expressão que não está, sob qualquer aspecto, presa aos moldes pré-estabelecidos do conto ou do romance, por exemplo. Segundo Benedito Nunes:

“Fluído como a matéria, ‘Água Viva’ não tem outra história senão a do fluxo de uma meditação erradia, apaixonada, ao sabor da variação de certos temas gerais.” (NUNES, 1995:157)

Este tipo de narrativa movimenta e desloca os assuntos, que ora são retomados, ora apenas mencionados. Deste modo, o dinamismo de *Água Viva* se realiza por meio de uma estrutura textual de caleidoscópio³, isto é, através de uma sucessão rápida de temas, interligados por um tênue fio que conduz o texto de maneira não linear. Esta escrita fragmentada busca criar uma atmosfera de escrita natural, ou seja, pretende criar no leitor a sensação de que a escrita se realiza no mesmo momento em que os

² Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a. (LISPECTOR, 1998:20).

³ Cabe notar que esta palavra é utilizada, e explorada semanticamente, pela narradora de *Água Viva*: “Um instante me leva insensivelmente a outro e o tema atemático vai se desenrolando sem plano mas geométrico como as figuras num caleidoscópio” (Lispector, 1998:14); “Mas sou caleidoscópica: fascinam-me as minhas mutações faiscantes que aqui caleidoscopicamente registro” (LISPECTOR, 1998:31).

pensamentos vão surgindo ou em que os acontecimentos da vida do narrador vão acontecendo. Assim, não importa a natureza do que está sendo registrado pela narradora, seja a observação de um fato cotidiano, seja a descrição de um quadro, seja a evocação de uma lembrança, pois o objetivo desta personagem é expressar a realidade e os pensamentos que lhe vão acontecendo por meio de uma linguagem que também se deixe acontecer de maneira fluida. Com isto, cria-se uma atmosfera de naturalidade, como se a escrita fosse espontânea tanto no que diz respeito a retratar um acontecimento do mundo, como também inventá-lo por meio da linguagem.

Apesar de apresentar a forma de monólogo, *Água Viva* aponta para um diálogo, uma vez que a voz da narradora se dirige a uma outra pessoa, nomeada simplesmente como “tu”, cuja representação oscila entre dois diferentes interlocutores. Ora as falas se voltam a alguém com quem se estabeleceu uma ligação amorosa, que agora está rompida; ora se encaminham ao leitor, que é levado, através de diferentes recursos, a participar deste monólogo como um ouvinte atento e ativo. Tais fragmentos dirigidos ao “tu”, por vezes, se mostram ambíguos, podendo ser compreendidos, simultaneamente, por ambos os interlocutores supracitados.

A partir desta ambigüidade, Clarice Lispector cria um jogo, no qual o leitor é incitado a participar de uma forma diferente. Primeiramente, ele é levado a acreditar que o monólogo que lê se dirige a um personagem que pertence “mundo real” da narradora. Pouco a pouco, porém, o texto fornece indicações cada vez mais claras de que a pessoa com quem se fala é também aquele que lê. Através das temáticas se é possível inferir quando a narradora fala ao personagem “ausente” e quando se dirige ao leitor. A partir daí, Clarice cria uma cumplicidade com quem a lê, pois ao mesmo tempo em que a narradora de *Água Viva* mostra os conflitos de sua separação amorosa – sua dor, seu alívio, sua sensação de liberdade – , ela também dialoga com o leitor sobre outros assuntos, que continuamente se “atravessam”.

Este procedimento estrutural pode gerar no leitor uma sensação de expectativa continuada, pois a narradora, além de afirmar que “o próximo instante é o desconhecido”, questiona quem seria o responsável por ele: “O próximo instante é feito por mim? Ou se faz sozinho?” (LISPECTOR, 1998, 09). Imediatamente após este questionamento, ela inclui o leitor, o convidando a participar de cada um destes instantes: “Fazemo-lo juntos com a respiração. E com uma desenvoltura de toureiro na arena” (AV, 09).

Clarice Lispector elaborou, em *Água Viva*, um jogo ficcional que reflete um movimento da própria literatura, ao criar uma narradora

que procura no leitor a cumplicidade e a compreensão de sua escrita.

Conclusão

Este trabalho buscou realizar um estudo mais aprofundado da estrutura narrativa de *Água Viva*. Longe de se ter tido o propósito de esgotar a análise desta obra, chegamos ao fim com a impressão de texto “inacabado”, que deve – para usar as palavras de Clarice – “continuar”, tantos são os meios de expressão e os recursos textuais que não puderam ser vistos e desenvolvidos. Permeado por “estranhas metáforas” (SÁ, 1979:243), alegorias, paradoxos, anáforas, antíteses, metonímias, antonomásias, perífrases, hipérboles, eufemismos, pleonasmos, e ainda outras figuras, este texto repleto de “imagens”, “sons” e “gestos” do pensamento merece estudos mais aprofundados, seja acerca de sua estrutura, seja acerca de seu estilo.

Em *Água Viva*, “inexprimir” e exprimir convivem, buscando ultrapassar os limites impostos pela língua. Desta maneira, é instaurada – por meio de uma linguagem que “inexprime o exprimível” – um tipo de comunicação capaz de “significar” o pensamento. Na busca por recriar a linguagem, Clarice utiliza meios lingüísticos inovadores, que subvertem a própria sintaxe da frase. As rupturas narrativas instalam o “eu” de quem narra no âmbito do “ser”, da “existência”, sob a presença de uma narradora que se ausenta do mundo da linguagem formal movida pela necessidade e pelo desejo de traduzir-se por meio do pensamento. Em *Água Viva*, a autora leva a extremos a desestruturação da forma romanesca, elaborando um gênero híbrido, marcado pela fluidez, pela aparência inacabada. Transmite-se, assim, a sensação de que o texto é um produto de liberdade, de um certo estado de embriaguez produtiva que rompe limites sintáticos e fronteiras normativas, criando um ato revolucionário da escrita, verdadeira *convulsão da linguagem*. (MARTINS, 1997)

Esta convulsão criada por Clarice é enredada numa refinada trama de signos, tessituras, sensações e pensamentos, criando um embate no qual narrador e leitor se misturam num jogo, em que palavras e imagens, sons e silêncio se combinam segundo uma lógica complexa e subjetivante.

Água Viva é, simultaneamente, um texto de prazer e de fruição, pois ao mesmo tempo em que ele “contenta, enche, dá euforia”, ele também “põe em estado de perda, desconforta, faz vacilar bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consciência de seus gostos, de seus valores, suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem” (BARTHES, 2004:21).

A inquietação que *Água Viva* provoca – seja na crítica, seja no leitor – é uma questão que merece ser aprofundada. Clarice torna tensa a relação do real e da linguagem, refletindo a própria impossibilidade representativa desta relação.

A autora torna sensível este dilema: o conflito da linguagem com o mundo. Clarice não pretende representar, através da língua, a realidade, uma vez que ela cria um mundo e fala desse mundo, cujo exercício é sempre o confronto com uma linguagem “à beira do desmaio, do êxtase”⁴.

Agradecimentos

Órgão Financiador: CAPES

Referências

BARTHES, Roland. *Crítica e Verdade*. Trad. De Leyla Perrone-Moisés. Perspectiva: São Paulo, 1999, Coleção Debates.

O prazer do texto. 4 ed., São Paulo: Perspectiva, 2004.

CANDIDO, Antônio. *No raiar de Clarice. Vários escritos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970. ECO, Umberto. *Sobre a Literatura*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: *A Literatura e o Leitor: textos da estética da recepção* - Hans Robert Jauss ... et al.; coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. Coleção Literatura e Teoria Literária; v. 36.

LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARTINS, Gilberto. *Clarice Lispector (Dossiê)*. *Revista Cult*. (05): 48-53, 1997.

MILLIET, Sérgio. *Diário Crítico* (1946). São Paulo: Liv. Martins, 1947, v.4.

NUNES, Benedito. *O Drama da Linguagem*. São Paulo: Ática, 1995.

SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Vozes, Lorena: Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, 1979.

⁴ Expressão utilizada por Sérgio Milliet em crítica publicada no *Diário Crítico* (1947:41) sobre a expressividade da linguagem utilizada em *O Lustre*.